

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

QUEERIZANDO HOMOSSEXUALIDADES? A PRODUÇÃO DE DIFERENÇAS INTERSECCIONAIS EM A *INVERSÃO DOS SEXOS* (1935)

Renan de Souza Nascimento

Universidade Estadual de Montes Claros (PPGH UNIMONTES – MG)

nascimentorenan900@gmail.com

A sociedade brasileira de finais do século XIX e primeiras décadas do século XX passava por momentos de grande tensão e ansiedade, devido aos problemas relativos à urbanização, industrialização, greves gerais, além da crescente mudança das funções designadas para mulheres principalmente de classe média. Com a expansão da ordem de vida burguesa a partir das capitais, uma série de sujeitos emerge em discursos de verdade como possuidores de naturezas anormais. Desse modo, a preocupação com os “desviados” da ordem sexual-matrimonial e mais especificamente com o “homossexualismo masculino” passa a ser central entre médicos, juristas e criminologistas dos anos de 1930, já que entendidos como perigosos para a felicidade conjugal. Estes sujeitos, entretanto, não foram fabricados discursivamente da mesma maneira, tendo em vista uma série de preconceitos e especificidades presentes no tecido social daquele momento. Assim, este artigo analisa brevemente como se produziram diferenças dentro da diferença homossexual, no discurso do livro “A Inversão dos Sexos” (1935), com base em algumas de suas representações sociais.

Palavras-chaves: Homossexualidade; Diferenças; *Queer*.

INTRODUÇÃO

Com a expansão da moralidade tipicamente burguesa no Brasil, a partir de finais do século XIX, a medicina social e sua tática higiênica alçaram um papel de destaque político: o de combater o caos da conjugalidade colonial e de modelar os papéis dos sujeitos de acordo com os interesses das elites capitalistas. Lançando mão de uma série de argumentos de desmoralização, a higiene buscou retirar a centralidade que a herança, o *status social* e a nobreza de nome tinham no estabelecimento de alianças entre cônjuges e fez emergir o corpo, o sexo e a moral como pontos de necessária

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

preocupação (COSTA, 1999). Um casal higienizado zelaria por sua prole e consolidaria assim, o vigor e o progresso tanto de sua raça como de seu Estado.

De fato, os filhos funcionaram nesta nova família como peça chave para a conformação da finalidade última e mais plena dos homens e das mulheres: o de serem pais e mães, diferentes, mas harmonizados pelo amor. A mulher-mãe higiênica era concebida como naturalmente passiva, submissa, caprichosa, doce e devotada. Já o homem-pai era um ser mais seco, racional, autoritário, altivo, o chefe do lar. Cláudia Maia (2007) estudando a figura da “solteirona” em Minas Gerais, de 1890 a 1948, observa que “muitos intelectuais e políticos brasileiros viam a superioridade moral, e de certa forma, material [...] na estabilidade da família” (MAIA, 2007, p. 76), e por isso as celibatárias e os celibatários foram vistos como obstáculos para a ordem coletiva e foram excluídos do espaço da residência, reservando-se esta para a privacidade do casal heterossexual. Magali Engel (2004) em seu trabalho de mestrado sobre a prostituição carioca do século XX também anota que os médicos desejavam eliminar todas as práticas que fugissem do padrão de família burguesa, e para isso, associaram a prostituição à vadiagem, mendicância e com o alcoolismo, entendendo-a como doença física, moral e social. Associação semelhante com a ideia de patologia foi feita com os homossexuais¹ masculinos, entendidos como “anti-homens, desertores da obrigação de ser pai” (COSTA, 1999, p. 240).

Para Michel Foucault (2017), a sexualidade não é um aspecto da natureza que o poder tentaria dominar ou desvelar sua verdadeira face, mas é um dispositivo histórico, aquilo que faz acontecer algo, uma “grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, [...] encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder” (FOUCAULT, 2017, p. 115). A sexualidade assume uma importância estratégica para a sociedade de normalização do século XIX, já que posicionada especificamente na encruzilhada entre o corpo e a população, dependendo de uma disciplina individualizante para a prevenção de doenças corporais, mas também adquirindo efeitos em processos biológicos,

¹ Adotamos durante todo o trabalho prioritariamente as categorias “homossexual” e “homossexualidade”, tendo em vista que estes eram uns dos principais termos empregados na fonte aqui analisada e também porque se consolidaram historicamente em detrimento de outras nomenclaturas. Estas outras foram devidamente historicizadas quando apareceram no discurso.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

hereditários (FOUCAULT, 2005). Criticando a hipótese repressiva, Foucault (2017) acredita que mais do que proibidos e obrigados a se calarem, o sexo e corpo foram colocados em discursos múltiplos na época moderna, e sobre eles se produziram sentidos de verdade e essências nos indivíduos.

Os textos sexológicos, que entendiam uma série de práticas sexuais na díade normal/anormal, chegam ao Brasil neste período e influenciam o início de um interesse nacional sobre estes temas. Mas são durante os anos de 1930 que uma bibliografia mais pujante sobre as homossexualidades aparece, em consonância com a consolidação da medicina legal nas principais faculdades do Brasil e com o prestígio delegado à figura do médico (PEREIRA, 1994). Deste modo, propomos uma breve análise da produção de representações sobre o homossexual masculino no discurso médico da obra *A Inversão dos Sexos* (1935), com foco na fabricação de diferenças interseccionais de raça/etnia e classe. A seguir, apresentamos os principais conceitos manejados, a análise dos casos e por último, a interpretação da construção discursiva a partir da noção de abjeção.

CONCEITUAÇÃO

Até por volta de 1960 a sexualidade era tomada como uma área de reflexões próprias da Biologia, da Medicina e mesmo da Psicanálise no ocidente; só com as transformações políticas e culturais no decorrer desta década que constatamos o começo de um reconhecimento que o desejo e o sexo eram socialmente forjados. Na década seguinte, ocorre um florescimento dos estudos gays e lésbicos, havendo um esforço então para mostrar uma identidade gay definida e uma homossexualidade mais normal do que se pensava (MISKOLCI, 2012). Já nos finais dos anos 1980 e início de 1990, com todo o pânico moral/sexual difundido pelo surgimento da epidemia de HIV/AIDS, apelidada de “câncer gay” (LOURO, 2018, p. 33) emerge a teoria *queer*, com problematizações mais elaboradas da heterossexualidade. No inglês, a palavra *queer* pode ser entendida como algo estranho, torto, ridículo, excêntrico, extraordinário. Mas também é uma ofensa, dirigida às dissidências sexuais e de gênero, equivalendo a

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

“bicha”, “viado”, “sapatão” (LOURO, 2018) que foi, entretanto, reivindicada politicamente por movimentos homossexuais radicais dos Estados Unidos e posteriormente por grupos de intelectuais, em um claro aceno contestatório. Entretanto, Catarine Rae (2017) e Morais et. al. (2019) vêm destacando a desconsideração de outros marcadores a não ser gênero e sexualidade na teoria *queer*, atrelada que está, segundo estes autores, às preocupações de LGBTIA (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, intersexo e assexuais) brancos, jovens e de classe média/alta. Apostando nisso, propõem um *queer of colour* (*queer* de cor) ou uma analítica *quare* (pronúncia do *queer* em algumas comunidades negras estadunidenses) fundamentada no feminismo negro, especialmente na ferramenta interseccional e no pós-estruturalismo.

A interseccionalidade, um conceito advindo das teorias feministas negras se refere a uma sensibilidade analítica que pensa e instrumentaliza a inseparabilidade dos eixos de raça, classe, gênero além de sexualidade e território nas experiências de mulheres negras, em suas identidades e vulnerabilidades gestadas historicamente (AKOTIRENE, 2019). Foi Kimberlé Crenshaw, professora de direito da Universidade de Columbia, que em 1989 cunhou esta categoria, sugerindo que nem sempre lidamos com grupos distintos de pessoas e sim com grupos sobrepostos, marcados de múltiplas formas (CRENSHAW, 2002). Antes da nomenclatura de Crenshaw, intelectuais feministas negras já trabalhavam com a combinação de eixos, como Lélia Gonzalez no Brasil e Audre Lorde nos Estados Unidos. Seleccionamos este conceito, sabendo que as homossexualidades que emergem na fonte não são definidas exclusivamente a partir do gênero, mas a partir de emaranhados eixos de subordinação e diferença. Já o gênero aqui é performativo (BUTLER, 2017), ou seja, efeito de atos e gestos discursivos repetidos dentro de uma matriz heterossexual que postula a coerência entre sexo-gênero-desejo como requisito para a inteligibilidade dos sujeitos e de suas vidas.

A historiadora Joan Scott é uma referência para nossa compreensão de diferença. Para ela, igualdade (referente) e diferença não são simplesmente opostos fixos como querem crer diversos enunciados hegemônicos, mas termos interligados, relacionais, “uma vez que a igualdade não é a eliminação da diferença, e a diferença não exclui a igualdade” (SCOTT, 1992, p. 94, tradução nossa). Ela lembra que esta interdependência

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

é hierárquica e que o sentido do primeiro termo deve a existência ao segundo, daquele mais oprimido. Há um esforço aqui, portanto, de tanto marcar os significantes hegemônicos, comumente invisibilizados nas análises como o de superar o binarismo, ao pontuar suas conexões e seus respectivos atravessamentos.

No que diz respeito à representação, não a entendemos como espelho do real, como transparência de uma coisa evidente, uma vez que reconstrói e modela o seu objeto. Assim seguimos Denise Jodelet (1993) quando diz representações sociais são:

como sistemas de interpretação, que regem nossa relação com o mundo e com os outros, orientando e organizando as condutas e as comunicações sociais. Igualmente intervêm em processos tão variados quanto a difusão e a assimilação dos conhecimentos, no desenvolvimento individual e coletivo, na definição das identidades pessoais e sociais, na expressão dos grupos e nas transformações sociais (JODELET, 1993, p. 5).

ANÁLISE DOS CASOS

Estácio Luiz Valente de Lima (1897-1984), catedrático de medicina legal da faculdade de medicina da Bahia, membro do conselho penitenciário do mesmo estado e um dos fundadores em 1929 do Laboratório de Criminalística do Instituto Nina Rodrigues (VASCONCELOS, 2012), publica no Rio de Janeiro o seu livro *A Inversão dos Sexos* (1935), documento dividido em três partes, sendo a segunda referente à inversão sexual masculina², embasada em prontuários de presídios, em exames corporais realizados em homossexuais de Salvador e cidades circunvizinhas, além do próprio acervo do autor.

No capítulo V desta segunda parte, Estácio de Lima (1935) traça certo histórico da homossexualidade no Brasil, desde a colônia, passando pela escravização dos negros até chegar ao seu tempo. Quando ele comenta:

² “Inversão sexual” já estava presente na obra clássica do médico e psicólogo britânico Havelock Ellis, *Inversão dos Sexos* (1897), que é apropriada por Freud (2006) para significar homens cujo objeto da libido não se volta para a mulher e sim para o homem. Freud (2006) discorre sobre como as necessidades sexuais são exteriorizadas por uma atração irresistível a outro sexo e quando isso não ocorre, há um desvio ou inversão no objeto correto do desejo. Assim, parece que Lima se embasou nestas fontes sem, contudo citá-las.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Meio sobremaneira propicio ao evolver de instinctos sexuaes deturpados, ao medrar de sentimentos anomalos, aos desvios fataes da libido, é a alma da criança abandonada, vivendo á mercê de todos os perigos da rua, sem um lar, sem um mestre, sem um affecto puro, sem um carinho nobre [...] misero pequeno que está na eschola natural de todas as perdições. Estes, e mais os outros – sem a gazeta siquer, sem siquer o queimado para vender – escorraçados em toda a parte, quantas vezes não cáem nas garras afiadas dos ganhões desalmados (LIMA, 1935, p. 151).

Observa-se que a representação aqui, funciona como alerta para as famílias brasileiras protegerem seus filhos. Aparentemente, o afeto, o carinho nobre, ter um mestre e morar num lar salvaguardam os futuros adultos de desenvolverem anomalias e enveredarem pelas perdições. A rua representa o perigo para a normalidade, a casa higiênica a norma saudável a seguir. Posteriormente, o autor diz que sexólogos como Josiah Flynt, se debruçaram sobre a sodomia³ na América do Norte, distinguindo os desempregados, revoltosos por a sociedade não os acolher no mercado de trabalho dos “falsos mendigos, incapazes de qualquer profissão honesta, ociosos, exploradores, semi bandidos” (LIMA, 1935, p. 152). A homossexualidade demoraria justamente entre estes últimos, presente em muitos dos seus indivíduos. A culpa pelo “desvio sexual” está naturalizada assim, nos sujeitos, na situação econômica daquele “exercito de indesejaveis” (LIMA, 1935, p. 152) Temos, portanto, a valoração negativa de sujeitos não empregados, típica da forma como se relacionava então trabalho com dignidade e cidadania (ENGEL, 2004). Entretanto, mesmo entre não empregados, aqueles que de alguma forma se resignavam ou se deleitavam diante de tal situação, foram discursivamente marcados como mais perigosos do que os outros.

Lima (1935) destaca que esse fenômeno não se faz presente apenas em países do exterior, mas aqui também. E sublinha que “ao lado da Jequitaiá elegante que rasga viellas em busca de Itapagibe, havia de facto, uma barraca tosca, mal concertada e

³A palavra latina sodomia é talvez uma das mais antigas utilizadas para designar relações entre pessoas do mesmo sexo/gênero e tem sua origem no Livro de Gênesis da Bíblia, que relata a destruição da cidade de Sodoma por Deus, em tese, devido a relações sexuais ocorridas entre homens (PRETES; VIANA, 2007, p. 322). Sodomia até o século XIX foi lida como pecado, passível de diversas punições pela teologia cristã e como crime em vários códigos penais. Assim, ter esse termo aparecido na fonte demonstra o poder da tradição religiosa-estatal no controle de corpos e o interesse de Lima por agradar os discursos que estavam em jogo.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

imunda, perdida no turbilhão das outras e onde moirejavam tres profissionaes do crime” (LIMA, 1935, p. 153). São eles “Frajola”, “Patrício” e “Budião”. O Budião, de acordo com Lima (1935), o pior de todos.

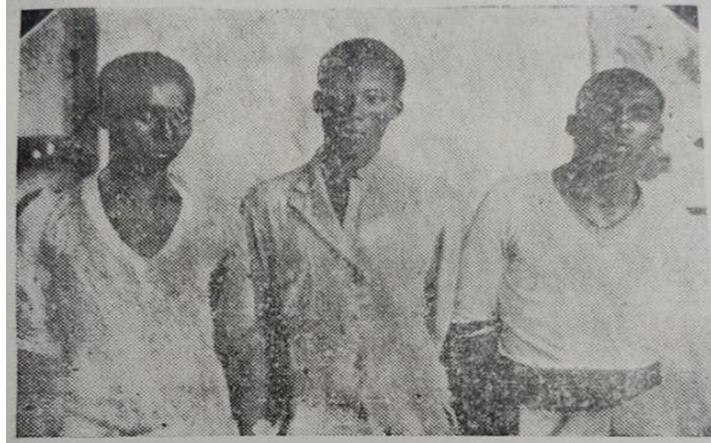


Figura 1: “Frajola, Patrício e Budião”.
Fonte: LIMA, 1935, figura 5, página sem numeração.

A foto acima apoiada na legenda original “Trinca perigosa de desordeiros e pederastas⁴” continua a delinear o perfil daquilo que era a ameaça à estabilidade e à ordem.

Não temos, na linguagem erudita, e creio que nem mesmo no calão, termo coadunado a esses rufianazes infames, escorias degradantes, gatunos villisimos, exploradores, ou mais precisamente, caftens da molecagem, que se presta, com passividade, a eles, antigos súcubos que tambem o foram. Chamemol-os de budiões, a vêr si a neologia pega. Tinham os tres comparsas, realmente, comsigo, um punhado de menores abandonados [...] Dez, ao todo, que foram ter ao Instituto Medico legal “Nina Rodrigues”, mandados pela 2ª Delegacia de Polícia. [...] rotos, maltrapilhos, deixando prevêr, no lugubre conjunto que oferecem, os destinos de ignominias que os aguarda [...]. A sociedade precisa conhecer até onde a miseria, porque é responsável, arrasta desherdadas creaturas humanas (LIMA, 1935, p. 153-154).

O médico foi enfático no parágrafo acima, ao caracterizar seus personagens não como somente homossexuais masculinos, mas como ladrões, briguentos, ordinários. Na verdade, ele não descreve, mas os instituem assim, como a própria menção a “budiões”

⁴ Embora etimologicamente a palavra “pederasta” signifique aquele que se apaixona por crianças, nos anos de 1930 ela funcionava como referência ao coito anal e aqueles que o praticam.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

indica. Estratégia de naturalização. E já deve ter ficado evidente que os corpos por meio das representações sociais no discurso em questão, são majoritariamente negros e pobres. Olívia Maria Gomes da Cunha (1999) identifica dois modos de lidar com a questão racial no país no primeiro governo Vargas. Se em eventos públicos, datas importantes e discursos oficiais o que se via era a valorização e romantização do negro, especialmente no que diz respeito à cultura, no dia a dia ele designava diferencialmente o homem comum, pobre, passível de intervenção de instituições curativas e corretivas. Lima é subsidiado, portanto, por esta segunda modalidade, por este interdiscurso, “o já dito que está na base do dizível” (ORLANDI, 2020), que prima pelo controle dos indesejáveis e pela identificação tipológica para um possível melhoramento coletivo.

Já no capítulo VI, Lima se volta para as rodas intelectuais, dizendo que nelas o “homossexualismo⁵” é raro mas existe e que só foi anunciar sua presença em um Congresso de Sexologia que várias cartas o chegaram, todas da Bahia. Uma delas, segundo ele, “digna de profundo respeito” (LIMA, 1935, p. 160). O autor desta mensagem seria erudito, viajado e impecável nas palavras:

Eminente professor, Das theses que vão ser apresentadas no próximo Congresso de Sexologia é a sua a de mais responsabilidade do ponto de vista social e mesmo eugenico. O autor destas linhas figura no quadro dos invertidos, ou homo-sexuaes, ou ‘Urning’, como se diz na terra de Hittler. E’ a primeira vez que na Bahia se estuda o assumpto que, ha seculos, desafia a argucia de neuriatras, psychiatras ou mesmo simples psychologos amadores. E é justo, pois, que a conferencia desta semana de sexologia, versando sobre o ‘KontrareSexualempfindung’, desperte o máximo interesse. Convém, todavia, não esquecer que nem todos os homosexuaes praticam a ‘immissio penis in anum’. A muitos repugna tal pratica por immunda e aviltante. Estes amam o macho com dignidade. E’ o que descreve Edward Carpenter no seu famoso ‘The Intermediate sex’. [...] Nem todo homossexual vive pelas ruas, á noite, a procura de aventuras. Ha-os de outra casta. E dignos de respeito em sua desgraça. E intelectualmente superiores a tantissimos pseudonormaes. [...] Para os que lhe ouvem mestre, porque serão muitos a lhe ouvir! O numero delles augmenta assombrosamente. E a Bahia tem-nos em barda, alguns dos quaes são pessoas de pról nas sciencias, nas lettras e nas artes. [...] Piedade para eles! Piedade para mim! (LIMA, 1935, p. 160-161-162).

⁵ Os termos homossexual, homossexualidade e homossexualismo foram produzidos na Alemanha, em 1869, pelo escritor húngaro Karl-Maria Benkert, a partir do grego *homos* - “semelhante, o mesmo”, e do baixo-latim *sexualis* - “do sexo feminino”, derivado de *sexus*, que dá origem à palavra “sexo” (SOARES, 2017). Designando uma doença do instinto sexual (PRETES & VIANNA, 2007) estas palavras chegam ao Brasil em finais do século XIX em obras médicas e ganham nas décadas posteriores cada vez mais destaque.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Interessante perceber como este sujeito se apresenta, já validando e empregando para si mesmo uma série de identidades produzidas em âmbito médico. Provavelmente nem tudo que o homossexual escreveu foi para a carta, pelo menos na forma que está apresentada, mas já é digna de nota esta narração. Há um esforço de separar os homossexuais que praticam o sexo anal, que vivem nas ruas à noite e os respeitáveis, que amam o homem de forma digna.

Lima depois diz no tom melancólico que outrora os “invertidos” tinham sido perseguidos, encarcerados, sepultados vivos ou até mesmo queimados em fogueiras assassinas em nome de um Deus terrível. A ignorância de alguns povos perpetuava em seus códigos esses tratamentos. Essas passagens escamoteiam que o próprio discurso da medicina era uma prática institucional de controle, apropriação, de violência de corpos, a começar pela fabricação da “inversão sexual” como identidade e essência. Se referindo ao homossexual que lhe mandou a carta ele diz:

Não sahirá de minha penna de escriptor, aqui, o anatema que irá ferir o coração sangrento desse desgraçado missivista⁶. Elle não inspira revolta, sinão, realmente, a piedade que deseja [...]. Piedade, e compaixão profunda (LIMA, 1935, p. 163).

Note o tratamento especial que o autor da carta recebe de Lima: merece compaixão e não condenação. Toda essa misericórdia era proveniente do lugar social que o homossexual em questão ocupava, sendo provavelmente uma pessoa de elite, considerando os trechos em latim e outras línguas na carta, os autores europeus citados e o seu conhecimento dos círculos de cientistas baianos. Já os anteriormente apresentados, foram tratados como bandidos, infames, escorias, perigo. Com estes nada se mencionou sobre misericórdia e com o autor da carta não se produziu discursivamente nenhuma ameaça social.

Aqui o “silêncio local”, o que não pode ser dito, “aquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura” (ORLANDI, 2020, p. 81), significa. Não era conveniente suscitar tamanha repulsa com um senhor tão erudito e que ainda citava os pares. Dessa forma, apesar de entendê-lo como um deserdado da natureza, um aberrante dos instintos, o remetente da carta atendeu por outros marcadores sociais da diferença, como

⁶ Pessoa que escreve cartas.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

classe e raça, por exemplo, os requisitos mínimos para ser reconhecido como um interlocutor válido e ser considerado em suas falas.

Lima diz que seria interessante uma análise rápida da inversão sexual na arte moderna. Para isso, comenta dentre outros autores, sobre Oscar Wilde⁷. Diz que a vida desse escritor era anômala. Que sua esposa nada lhe representava no mundo dos seus afetos e “o que lhe seduzia o espírito, queimando, violentamente, os sentidos, era a beleza masculina” (LIMA, 1935, p. 164). Mesmo depois de condenado por sua homossexualidade teria Wilde dito ao filho de um marquês que havia algo nele com um estranho poder de atração. Segundo Estácio de Lima, o poeta inglês chegou a reconhecer sua perversão passional e do desejo, mas argumentou “que elle a possuía sendo genio, enquanto outros a experimentavam, na mediocridade” (LIMA, 1935, p. 164). Observe que a inversão sexual em Wilde é colocada em seu espírito, em seu desejo e não em sua moral/caráter ou em sua promiscuidade. Ele é invertido não tanto por sua culpa, mas por seus afetos: é mais objeto da sua perversão do que agente dela. Além disso, constata-se que Wilde confirma o pressuposto de Lima de que há inversões sexuais menos danosas (as dos gênios) do que outras (as da mediocridade).

O médico sugere ainda que Wilde passava por períodos de sublimação da libido em que contemplava apenas seu próprio valor, entendendo-se como a encarnação da arte e da cultura, mas que isso era transitório. Era uma fase de auto adoração, em que a “inversão” não se manifestava. Termina dizendo que cruel tributo foi cobrado pelo destino a Oscar Wilde, já que seus desejos mataram o seu gênio e lhe apagaram a vida, mergulhando-o “na mais aviltante das ignomínias!” (LIMA, 1935, p. 167). A homossexualidade do autor britânico passa por outros caminhos no enredo da fonte, que não pela prostituição ou por exploração alheia, o que suscita um olhar diferente de Lima para o seu caso. Até mesmo o desvio do desejo de Wilde foi amenizado, pela justificativa de “períodos de transição”.

⁷ Oscar Wilde (1854-1900) foi um famoso poeta, escritor e dramaturgo inglês, de origem irlandesa. Escreveu “O Retrato de Dorian Gray”, romance muito popular na Inglaterra. Foi acusado pelo marquês de Queenberry de tentar um caso amoroso com seu filho, o Lord Alfred Douglas, sendo condenado e preso por cometer “atos imorais” com rapazes. Morreu pobre em 1900 em Paris (FRAZÃO, 2019).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Essa diferença nos sentidos produzidos sobre os sujeitos só funcionaram, entretanto, porque a linha de desqualificação mais intensa já foi anteriormente demarcada, a partir de casos de devassidão e de crime dos corpos negros. O número recorrente de personagens racializados, os adjetivos que lhe são atribuídos, o drama e morticínio envolvidos em suas histórias nos faz inferir que para Lima estes eram os sujeitos responsáveis pelos desvios, pela desordem. Entretanto, é a partir destes que a branquitude, enquanto um regime de poder que silencia o lugar do branco nas relações sociais (SILVA, 2007) pode se sustentar e colher benefícios, mesmo entre os “invertidos”.

Já no final deste capítulo, Lima conta a história de “Costelletta”, “mulato dobrado, cynico, atrevido. Typico malandro [...], bandido salteador de propriedades, reincidente, antes condenado [...] a desmoralizadoras penas curtas” (LIMA, 1935, p. 201). Este sujeito, namorando uma mulher chamada Carmosina, que o pede para construir uma casa em um morro, é preso na Penitenciária Bahiana, ouvindo de sua cela, os gritos amor dela. Entretanto, “a Costelletta não bastaria o platonismo, nem havia de satisfazel-o a masturbação a que se entregava. Teve, fatalmente, que buscar derivativos homo-sexuaes.” (LIMA, 1935, p. 202). A mulher sabendo de tudo promete vingança e mantém relações com outros homens. Ao final, “Costelletta” consegue fugir do cárcere e “perseguido sempre a tiros, alcançou, já ferido [...] a choupana de Carmosina, golpeando-a feroz, com uma faca de mesa, até que, exangue, sem forças, cae morto ali mesmo” (LIMA, 1935, p. 202).

O término trágico da vida de “Costelletta”, que é atribuído à desonra e aos tormentos dos “novos impulsos missexuaes” foi significado pela abjeção. Para Judith Butler, abjeção diz respeito ao “domínio dos seres abjetos, aqueles que ainda não são sujeitos”, zona inabitável paradoxalmente habitada por aqueles que servem para circunscrever o domínio do sujeito, em sua “reivindicação do direito à autonomia e à vida” (BUTLER, 2016). São fabricados então, a partir de exclusões e violências, por exatamente não poderem ser lidos como humanos. Fundamentado em desigualdades históricas, o discurso médico científico de Lima atravessa a categoria homossexual e demarca em seus meandros um campo dos corpos que não importam, que não valem a

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

pena ser “salvos” porque saturados interseccionalmente de sentidos de repulsa, de nojo e de medo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de naturalizações, silenciamentos e da marcação da abjeção, os corpos de “budiões” e “Costelleta” (LIMA, 1935) foram expurgados discursivamente da família burguesa medicalizada, já que representavam verdadeiro perigo para esta instituição, ao mesmo tempo em que o remetente da carta e Oscar Wilde foram tolerados, posicionados de forma mais aproximada da intelegibilidade e, portanto das normas de raça e de classe. Antes de seguir uma concepção generalista da sexualidade não heterossexual, o que verificamos foi uma flexibilidade no emprego de sentidos negativos, a depender de qual sujeito estava em foco. Desmontando os binários assimétricos, mostrando suas conexões, suas diferenças e sua produção histórica, abrem-se possibilidades de entendermos todos os corpos como vidas legítimas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade?** São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2019.
- BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. *In*: LOURO, G. L. (orgs.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p. 153-172.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 13ª Ed. Tradução por Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- COSTA, J. F. **Ordem médica e a norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
- CRENSHAW, K. **A interseccionalidade da discriminação de raça e gênero**, 2002. Disponível em: <https://nosp.unb.br/popnegra/index.php/biblioteca/2-genero-raca-e-saude/5-a-interseccionalidade-na-discriminacao-de-raca-e-genero>. Acesso em: 16/07/2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

CUNHA, O. M. G. Sua alma em sua palma: identificando a “raça” e inventando a nação. *In*: PANDOLFI, D. **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999, p. 257-288.

ENGEL, M. **Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. 5ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FRAZÃO, D. Oscar Wilde. e: biografia, 2019. Disponível em: https://www.ebiografia.com/oscar_wilde/. Acesso em: 18/07/2021.

JODELET, D. **Representações sociais: um domínio em expansão**, 1993. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/324979211_Representacoes_sociais_Un_dominio_em_expansao>. Acesso em: 16/07/2021.

LIMA, E. D. **A inversão dos sexos**. Rio de Janeiro: Guanabara Waissman Koogan – Biblioteca Brasileira de Medicina Legal, 1935.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

MAIA, C. D. J. **A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral - Minas Gerais (1890-1948)**. 2007. 319 f. Tese de doutorado em História, Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/2331>. Acesso em: 15/07/2021.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

MORAIS, F. L. D. *et al.* De queer a quare: uma aposta interseccional entre gênero, raça, etnia e classe. **ITINERÁRIOS–Revista de Literatura**, 2019. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/12114>. Acesso em: 16/07/2021.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Pontes Editores, Campinas, SP, 2020.

PEREIRA, C. A. M. O direito de curar: homossexualidade e medicina legal no Brasil dos anos 30. *In*: HERSCHMANN, M. M; PEREIRA, C. A. M (orgs.). **A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20 – 30**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 88 -129.

PRETES, É. A.; VIANNA, T. História da criminalização da homossexualidade no Brasil: da sodomia ao homossexualismo. **Iniciação Científica: destaques**, v. 1, 2007, p. 313-392. Disponível em: <https://vetustup.files.wordpress.com>. Acesso em: 17/07/2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

REA, C. Crítica Queer of Colour e deslocamentos para o sul global. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, v. 11, p. 1-10, 2017. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/56566315/Fazendo_Genero_2018.pdf?. Acesso em: 16/07/2021.

SILVA, A. C. D. Branqueamento e branquitude: conceitos básicos na formação para a alteridade. *In: Memória e formação de professores*. Bahia: UFBA, p. 87-102, 2007. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-06.pdf>. Acesso em: 18/07/2021.

SCOTT, J. W. Igualdad versus diferencia: los usos de la teoría postestructuralista. **Debate Feminista**, vol. 5, pp. 85–104, 1992. Disponível em: www.jstor.org/stable/42624037. Acesso em: 16/07/2021.

SOARES, B. B. Os homossexuais na história: relações de poder e a classificação do gênero na historiografia contemporânea. *In: XXIX Simpósio Nacional de História - contra os preconceitos: história e democracia, 2017, Brasília. Anais do XXIX Simpósio Nacional de História - contra os preconceitos: história e democracia*. Brasília: Universidade de Brasília - UnB, 2017. p. 1-17. Disponível em: http://snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502143042_ARQUIVO_Oshomossexuais_nahistoria_ANPUH_07.08.2017.pdf. Acesso em: 17/07/2021.

VASCONCELOS, M. A. R. F. **O império da fome e do amor: Estácio de Lima e os determinismos em medicina legal**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal de Alagoas, 2012.